

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SILVA, José Romerito. **Resenha de "Gradience, gradualness and grammaticalization: How do they interact?"**. Revista Lingüística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9, número 2, dezembro de 2013. ISSN 1808-835X 1. [<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>]

## RESENHA DE "GRADIENCE, GRADUALNESS AND GRAMMATICALIZATION: HOW DO THEY INTERACT?"

por Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN/CNPq)<sup>1</sup> e José Romerito da Silva (UFRN)<sup>2</sup>

**RESENHA/REVIEW:** Traugott, E. C.; Trousdale, G. *Gradience, gradualness and grammaticalization: How do they interact?* (2010). In: Traugott, E. C.; Trousdale, G. (eds.). *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins.

**KEY WORDS:** Gradience, constructional approach of grammaticalization, analogy, reanalysis.

**PALAVRAS-CHAVES:** Gradiência, abordagem construcional da gramaticalização, analogia, reanálise

“Gradience, gradualness and grammaticalization: How do they interact?”, de Traugott e Trousdale (2010), como o título evidencia, trata da interação entre as noções de gradiência, gradualidade e gramaticalização. Com o propósito de responder três questões envolvendo a relação entre essas três noções, os autores discutem aspectos centrais no desenvolvimento de uma teoria de micromudanças.

O texto está organizado em cinco seções. Na primeira (1), *Introdução*, os linguistas sugerem respostas programáticas para as três questões levantadas anteriormente. Na seção 2, *Pano de fundo*, são apresentadas algumas definições de *gradiência* (2.1) e de *gradualidade* (2.2). A seção 3, *Como entender a interseção entre gradiência sincrônica e gramaticalização?*, aborda a interseção de gradiência sincrônica e gramaticalização e aponta os limites dessa interseção (3.1). Em 3.2, de uma perspectiva tipológica e histórica, são examinadas as distinções entre diferentes tipos de gradiência sincrônica. Na seção 4, *O que a interseção entre gradiência sincrônica e gramaticalização mostra sobre se o trabalho em gramaticalização necessita de reanálise e analogia/extensão, ou algum outro mecanismo?*, Traugott e Trousdale tratam da relação entre gradiência, gradualidade estrutural e gramaticalização, focalizando a *reanálise* em 4.1, e a *analogia*, em 4.2. A última seção (5) resume as *conclusões* a que os autores chegaram.

1. Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2. Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutor em Estudos da Linguagem (Linguística Aplicada) pelo PPGEL/UFRN

Entendendo gramaticalização como o desenvolvimento de funções gramaticais, Traugott e Trousdale primeiramente introduzem questões gerais ligadas à gradiência linguística, em especial a relação entre um sistema sincrônico gradiente e a gradualidade na mudança da perspectiva da gramaticalização. Com o intuito de decidir se a gradiência é produto da mudança diacrônica gradual, os autores contrastam as abordagens formal/ gerativa e funcional: enquanto a primeira entende a mudança como produto de reanálise sintática abrupta, a última concebe o processo como gradual, relacionado a padrões de uso que modelam a representação gramatical, na linha de Croft (2000) e Bybee (2006).

Vale observar que o tema da relação entre gradiência e gradualidade é caro aos funcionalistas, como se pode verificar, por exemplo, em Bybee (2010). Nesse livro, logo no primeiro capítulo – e ao longo de todo o volume –, a linguista aborda a gradiência, que se refere ao fato de que muitas categorias da língua (e da gramática) não podem ser facilmente distinguidas já que a mudança ocorre ao longo do tempo de modo gradual, movendo um elemento em um contínuo de uma categoria a outra. Assim, a língua, vista como um sistema adaptativo complexo, sempre exhibe variação – aspecto também abordado por Traugott e Trousdale – e gradiência. Acrescente-se, ainda, que essa perspectiva é também coerente com o pressuposto construcionista quanto ao *continuum* (e não rara indeterminação) entre léxico-gramática, conforme abordado em Brinton e Traugott (2005).

Logo após essa seção, os autores aprofundam a distinção entre gradiência e gradualidade (nas subseções 2.1 e 2.2, respectivamente), propondo tratar a gradiência como um fenômeno sincrônico e a gradualidade como diacrônico. Argumentam que, sincronicamente, cadeias de elementos linguísticos podem ser organizadas em um contínuo de categorialidade e de gramaticalidade. Por sua vez, a gradualidade diacrônica é entendida como uma sequência de micropassos discretos que afetam vários aspectos do uso e da estrutura de um signo linguístico. Tais micropassos consistem numa sucessão de minúsculas modificações que ocorrem no interior da trajetória  $A > B$ . A respeito dessa trajetória, Traugott e Trousdale assinalam que, pelo fato de nela se considerarem, sobretudo, os macrotipos de mudança (por ex.: verbo principal > verbo auxiliar), acaba-se encobrindo as micromudanças operadas nesse processo bem como a coexistência polissêmica das construções nele envolvidas.

Com relação à gradiência, esclarecem que, por um lado, alguns membros de uma categoria são “melhores” do que outros, conforme postula a teoria dos protótipos (ver Lakoff, 1987; Taylor, 1995); por outro, as fronteiras entre categorias são indistintas e vagas. Quanto à gradualidade, os autores fazem uma distinção entre a natureza da mudança linguística quando se consideram falantes individuais e comunidades. Enquanto para os primeiros as mudanças envolvem uma série de micropassos, que são discretos e cognitivamente abruptos, mudanças no nível da comunidade não são nem discretas nem abruptas, tendo em vista que somente a consolidação de uma inovação via transferência para uma comunidade ao longo do tempo pode ser considerada como mudança.

Traugott e Trousdale finalizam a seção 2 afirmando que os micropassos que compõem a mudança são consistentes com a concepção de gradualidade, que pode ser tomada como uma dimensão diacrônica da gradiência. Entretanto, advertem que gradualidade não equivale a gradiência dinamicizada.

Na continuação (seção 3), os autores examinam várias hipóteses funcionalistas (Bybee, Perkins e Pagliuca, 1994; Hopper, 1991; Heine e Kuteva, 2002; Bergs e Diewald, 2008, entre outros), sobre a probabilidade de que a variação sincrônica reflita a história passada. Nesse sentido, investigam a interseção de gramaticalização e gradiência, salientando que essa interseção é muito problemática, especialmente quando a gradiência é definida unilateralmente em termos morfossintáticos, em vez de se considerar a relação dinâmica entre forma e função.

Ao avaliar a proposta de Aarts (2007) de que há uma distinção significativa entre gradiência subsectiva (intracategorial) e intersubsectiva (intercategorial), salientam que o foco atual da pesquisa sobre gramaticalização em membro de categorias (por exemplo, que expressões podem se tornar modificadores de grau, modais, etc.) é mais adequado ao trabalho sobre gradiência. Alertam, então, para o risco de que um modelo de gradiência que focalize apenas a distribuição não seja capaz de captar as generalizações corretas sobre a natureza das categorias gramaticais se não houver conhecimento sobre as propriedades relevantes de membro da categoria (i.e., que atributos são associados com categorias particulares) ou se algumas dessas propriedades são mais importantes do que outras (por exemplo, se a habilidade de aparecer em posição atributiva é uma característica mais central de adjetivos em inglês do que a habilidade de aparecer em posição predicativa).

Assim, em lugar da proposta de Aarts, optam por uma abordagem construcional da gramaticalização, em que a discretude rígida dos formativos é tida como atípica na língua, já que o elemento primitivo não é o formativo, mas a construção. Mais uma vez, os autores se alinham à postura atual de funcionalistas, como Croft (2001), Noël (2007), Bybee (2010), Traugott (2012), entre outros, os quais defendem que não é o item lexical que se gramaticaliza, mas toda a construção da qual ele faz parte.

Na seção seguinte (4), os autores discorrem sobre os mecanismos de reanálise e analogia tal como têm sido tratados nos trabalhos sobre gramaticalização a partir de Meillet (1912), esclarecendo que a gradiência atestada sincronicamente resulta da operação desses mecanismos. Após avaliar várias definições formais e funcionalistas de reanálise, afirmam que, de acordo com elas, qualquer mudança estrutural envolve reanálise, e uma vez que a gramaticalização diacrônica envolve mudança estrutural, a reanálise deve necessariamente estar envolvida. Se a reanálise opera sintagmaticamente e de modo oculto, envolvendo mudança na atribuição de fronteiras, por contraste, a analogia tradicionalmente opera paradigmaticamente e de modo explícito, sobretudo em instâncias de mudança morfológica.

Adotando o viés da gramática baseada no uso, postulada por vários linguistas funcionalistas, os autores propõem considerar a analogia, incluindo extensão, baseada no exemplar, de modo que a gramaticalização envolva generalização de *type* assim como frequência de *token*. Portanto, a analogia pode, sim, ser entendida como um mecanismo de mudança: o padrão mais antigo é reestruturado para se igualar a um outro já existente e, como resultado, o mais recente tem uma nova estrutura. Aqui, Traugott e Trousdale citam funcionalistas que corroboram essa posição, como Givón (1991), Bybee (2003), Himmelmann (2004), Lehmann (2004), Fischer (2007), entre outros.

Na última subseção (4.3), Traugott e Trousdale defendem que é importante distinguir motivações, pré-condições e potencial para a mudança de processos reais de mudança. Assim, separam segmentação e interpretação como pré-condição e potencial para a mudança, e reanálise como mecanismo. Sugerem uma distinção paralela em relação a analogia, em que o pensamento analógico (“analogia”) é uma motivação ou pré-condição para a mudança e se distingue do mecanismo (“analogização”). Retomando a proposta de Hopper e Traugott (2003) de que toda analogia pode ser reanálise, acrescentam que há uma relação assimétrica entre analogização e reanálise: toda analogização é reanálise, mas nem toda reanálise é analogização.

Quanto à questão de se gramaticalização precisa de reanálise e analogia/extensão, sugerem, então, que gramaticalização não se reduz a qualquer mecanismo e que, portanto, reanálise e analogização/extensão operam independentemente de gramaticalização. Enquanto a analogização/ extensão são

muito mais difundidas, a reanálise pode ser considerada como o mecanismo dominante já que não há mudança sem reanálise.

Na conclusão, os autores sustentam que, embora haja uma relação clara entre gradualidade diacrônica e gradiência sincrônica, casos de gramaticalização evidenciam que a interseção das três suscita questões desafiadoras, como as que o artigo examina. Por fim, sugerem que a gradiência pode ser um teste ideal para hipóteses sobre as expressões que mais tendem a se gramaticalizarem e sobre o modo como as construções gramaticais emergem.

Nesse texto, Traugott e Trousdale travam um fértil diálogo com outros linguistas funcionalistas (e também com formalistas!) interessados em questões envolvidas no tema da mudança linguística, suas motivações e mecanismos atuantes. Sintonizados com a postura mais recente de focalizar não o item que se gramaticaliza, mas toda a construção em que ele é usado, os autores fornecem ao leitor material relevante e imprescindível para o tratamento da mudança linguística e de aspectos nela implicados. A extensa lista de referências bibliográficas é fundamental para estudiosos do tema.

## REFERÊNCIAS

Brinton, L. J.; Traugott, E. C. (2005). *Lexicalization and language change*. Cambridge: CUP.

Bybee, J. (2006). From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, 82:4, p. 711–733.

\_\_\_\_\_. (2010). *Language, usage and cognition*. New York: CUP.

Croft, W. (2000) *Explaining language change: an evolutionary approach*. London: Longma.

\_\_\_\_\_. (2001). *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: OUP.

Lakoff, G. (1987). *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: UCP.

Noël, D. (2007). Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. In: *Functions of Language*. John Benjamins, 14:2, p. 177-202.

Taylor, J. (1995). *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: OUP.

Traugott, E. C. (Inédito). Toward a coherent account of grammatical constructionalization. In: Smirnova, E. et al. (eds.). *Historical construction grammar*.